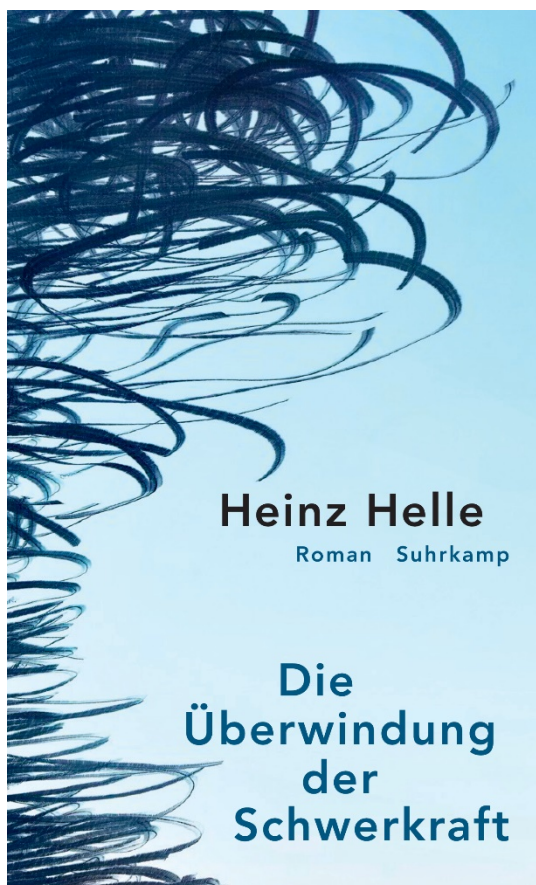




Heinz Helle

Die Überwindung der Schwerkraft

A superação da gravidade

Suhrkamp Verlag, Berlim, 2018

ISBN 978-3-518-42823-8

Excerto traduzido por Paulo Rêgo

E-mail: rego.paulo@gmail.com

Páginas 91-97 | 122-127

[O irmão mais novo recorda uma conversa que teve com o mais velho em Munique, enquanto passeavam num parque repleto de gente a tomar banhos de sol, na qual este lhe relatou uma manifestação a que assistira em Dresden. Nessa manifestação um grupo de manifestantes nacionalistas queria recordar o sofrimento da população da cidade aquando dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial, enquanto uma contramanifestação de esquerda tentava impedi-lo.]

[...]

De repente estava tudo cheio de gente, disse ele, precisamente quando, descrevendo um percurso sinuoso, passávamos por entre as toalhas onde se via, estendidas, costas rosadas, bronzeadas ou de um vermelho vivo, e ele acabara de relatar como as vozes, de início ainda baixinho, num tom comedido, ecoavam contra as paredes do centro da cidade, polifónicas, desordenadas; eram pessoas normais, que entabulavam conversas normais, acerca do trabalho, dos filhos e de operações que tinham corrido bem, e seria para ele impossível determinar um único elemento que fosse comum a cada um daqueles participantes, à exceção dos seus passos, lentos e regulares, a forma mais subtil de formular uma vontade comum, um ritmo uniforme e uma direção, em frente. Estava frio, disse ele, e húmido, e tal como mais tarde veio a aperceber-se, não era de todo difícil sentir ódio, pelo menos em relação ao tempo que fazia, logo para começar. Ainda me recordo que, diante do sol cintilante, só vagamente me dava conta da presença dele ao meu lado, o brilho era de tal modo forte que cerrámos ambos as pálpebras e quando tentávamos olhar um para o outro, fazíamos-lo com a palma da mão estendida acima das sobrancelhas, de onde tínhamos depois de afastá-la, a intervalos regulares, com vista a limpar pelo menos da testa o suor, que de resto nos escorria, de modo uniforme, por todo o corpo. O Elba, ao longo de cujas margens prosseguia aquela coluna de pessoas, era de um negrume denso, quase material, contou o meu irmão, e mais adiante, na margem oposta do rio, brilhavam aconchegantemente as luzes dos bairros mais elegantes, podendo ver-se um ou outro edifício histórico ou vivenda, onde era provável que morasse um qualquer industrial ou cientista, de Bielefeld ou da Austrália; de início é sempre um pouco penoso, aquele momento que não é assim tão breve, em que tudo ainda poderá tomar outro rumo, quando uma única voz, apesar de fraca, se decide a dar o mote e arrebatrar todos os demais, hesitante, fora do ritmo e, na maioria dos casos, um pouco desafinada, a falta de musicalidade em curioso contraste com a coragem exigida a quem toma tal iniciativa

— afinal quem é que, de livre vontade, assume o papel de antifoneiro num passeio com alguns milhares de pessoas? —, e então o meu irmão não pôde, como ele mesmo sublinhou, deixar de pensar em ocasiões em que, no passado, se celebrara festas em família, em aniversários e natais, na tensão que pairava até que os outros, por fim, lá abriam a boca e — já que é mesmo inevitável, tratemos então de despachar isto — desejavam muitos parabéns, ou então noite feliz, em todo o caso, o mais surpreendente foi, segundo ele, a brevidade com que lhe pareceu passar-se de um hesitante *Os pensamentos são livres*¹ para o monocórdico fogo de barragem de *Nós somos o povo*². No preciso momento em que se deu conta disso, curvou-se e pegou numa pedra, sem sequer medir o alcance do que estava a fazer, sem sequer pensar, e ainda se lembrava perfeitamente da dureza e do frio que sentiu na palma da mão, tê-lo-á sentido decerto durante alguns segundos, antes até de, no seu espírito, ter conseguido formular a noção de uma pedra. Recordo-me nitidamente da súbita calma em nosso redor, quando chegámos junto do Túmulo do Soldado Desconhecido no Hofgarten, e ainda me lembro de que, ali de pé junto a um soldado de bronze, deitado de costas com as mãos cruzadas sobre a barriga, sob um bloco de travertino com duzentas e cinquenta toneladas, esse nosso silêncio me incomodou um pouco. Foi à sombra dos relevos, um deles a representar a infantaria em marcha e o outro um campo de sepulturas, depois de nos sentarmos nos degraus, a descansar, que o meu irmão afirmou que uma pedra era, no fundo, também uma espécie de plano. Desatámos a rir, pusemo-nos de pé e prosseguimos, junto à sebe densa que separava o caminho de gravilha da extensão relvada, a qual, de acordo com o aviso, não deveria ser pisada. Em Dresden, junto ao Elba, uns tinham-se então tornado cada vez mais ruidosos, mais e mais, e os outros a mesma coisa, pelo que não tardou que não se aguentasse estar mais do que alguns segundos no mesmo sítio: de trás empurravam os que tinham acabado de chegar, da esquerda aqueles que estavam à esquerda, da direita os que estavam à direita, ao passo que à frente estava a Polícia, e atrás desta havia outros, os que não queriam nada daquilo que queriam os que estavam mais à frente, eram aqueles que pensavam de maneira diferente, os que amavam de maneira diferente, os que falavam, que ouviam e viam de maneira diferente, do outro lado da barreira, do poder do Estado, para lá da lei e do direito; só quem tem inimigos sabe exatamente onde está, disse o meu irmão. Sentámo-nos num banco e ficámos a observar diversos casais que dançavam o tango, no interior de um pavilhão, situado na confluência de vários caminhos de gravilha que

¹ *Die Gedanken sind frei* é uma conhecida canção alemã sobre a liberdade de pensamento, impressa pela primeira vez em folhetos em 1780, e usada como forma de protesto. (N. do T.)

² *Wir sind das Volk* foi o cântico entoado em 1989 pelos manifestantes que protestavam contra a repressão exercida pelas autoridades da RDA. A partir de 2014 ocorreu uma apropriação desta frase por parte dos movimentos nacionalistas, ligados ao populismo de direita, que lhe conferiu um teor racista e islamofóbico. (N. do T.)

atravessavam canteiros de flores coloridas. Ali estava eu, disse o meu irmão, não sei porquê, estava apenas ali, algures. Do lado de lá ouvia-os a gritar *Fora cos estrangeiros*, em meu redor respondiam-lhes *Não ceder face aos fascistas*, depois ouvi *Alemanha pros alemães*, logo de seguida *Auschwitz nunca mais*. A coisa continuou assim, para cá e para lá, durante um bom bocado. De ambos os lados da barreira policial as vozes foram-se tornando cada vez mais audíveis e mais numerosas, até que algo surpreendente se passou: pareceram, de súbito, ter adquirido um ritmo comum, *Alemanha nunca mais, Alemanha pros alemães, Alemanha nunca mais, Alemanha pros alemães*, e assim, em constante alternância, soou aquela cantoria durante algum tempo, do ponto de vista musical até bastante harmónica, como o meu irmão fez notar; a dada altura, porém, as frases fundiram-se, *Alemanha nunca mais pros alemães*, e conseguiu-se então perceber mesmo bem como o disparo uniforme de dois grupos de neurónios ligados entre si, do lado de cá e do lado de lá da Polícia, que unia ambas as partes na medida em que as separava, percebeu-se o modo como este grupo de gente cortado a meio, bem a direito, se erguia numa consciência coletiva, cujas desilusões, dúvidas, sonhos e fúrias se adensavam e transformavam numa só vontade. Pouco tempo depois de a Polícia ter reprimido a primeira investida, ele deu-se conta de que continuava a segurar a pedra na mão, enfiada no bolso do seu casaco de penas, e quando dali a pouco ocorreu a segunda investida, vinda do outro lado, também esta repelida, apercebeu-se do quanto a designação «funcionário público» era inadequada para aquela ágil parede de pessoas, vestidas com as suas roupas de uma só cor, com o seu equipamento de proteção, numa desesperada ação de defesa contra o poder de atração de complexos de partículas antagónicos. Em todo o caso, pouco depois desataram todos a correr, o cordão policial dissolveu-se nesse mesmo instante, os bonecos negros da Michelin com os seus cassetetes dispersaram e correram na direção das carrinhas com luzes rotativas azuis, para se salvar, enquanto as linhas da frente — indivíduos que envergavam camisolas de capuz negras e lideravam cidadãos que, com diferentes graus de preocupação, ali se defrontavam — se fundiram num instante numa dança que rapidamente se acalmou; depois de um ou dois socos mal acertados, pelos vistos já ninguém sabia quem é que ali estava a proteger quem ou o quê fosse de quem fosse, as senhoras e senhores nos seus casacos de *tweed* e blusões de couro e gabardinas e fatos de treino, com os seus rabos de cavalo e penteados com risco ao lado e bonés de basebol e gorros de lã e cartões de crédito e direito a pensões, todos eles se mantinham elegantemente à distância, em segurança e na posse da única verdade, pela qual estavam dispostos a arrastar os seus pés cansados sobre o chão frio da rua, enquanto os jovens, corajosos e esperançados combatentes, vítimas de um tédio de

morte, que se haviam lançado numa batalha, em busca de uma vitória, de dor ou de uma qualquer sensação, andavam para ali, desnorteados, tentando reconhecer nos rostos cobertos pelos capuzes quem é que queria afinal qual Alemanha. Depois as carrinhas da Polícia afastaram-se, disse o meu irmão, e ele ainda se recordava do súbito desânimo que reinou em seu redor, quando se tornou claro que, com a retirada das forças da ordem, não era o inimigo que desaparecia, mas apenas a possibilidade de lhe atribuir um nome, a ideia de uma frente que se pode manter, de uma fronteira que se pode defender; é claro que o verdadeiro inimigo continuava presente, iria continuar sempre presente, invisível e invencível, no meio de uma multidão furiosa, em relação à qual se tornava cada vez mais difícil determinar de que direção se partira antes de ali se ir parar. Ainda me lembro de como o meu irmão pareceu então sentir-se constrangido, hesitou, olhou à volta, escavou com o calcanhar buracos na gravilha e fitou-me demoradamente. Também não tinha maneira de explicá-lo, disse ele por fim em voz baixa, mas fora no preciso momento em que já o perigo havia passado e em que de repente tudo se acalmara que ele erguera o braço e lançara a pedra. E, durante os poucos segundos em que a viu voar acima da multidão compacta, voltou a pensar que é o medo que as pessoas têm de estar sozinhas, a ânsia de pertencer a um grupo, a um bando ou uma tribo, que são esses os responsáveis por toda a fúria e toda a violência do mundo; constata-se isso nos pais que, aquando de uma partida de futebol de salão, berram junto às linhas do campo ou nas enregeladas tropas que restam de um exército de centenas de milhares de homens, que mesmo após o lento desvanecimento de todos os motivos estruturantes — a exequibilidade da missão de combate, a coesão da cadeia de comando, a autoridade jurídica de um tribunal marcial, o abastecimento com víveres e combustível — permanecem quietos e calados, acorados uns ao lado dos outros, no meio da neve e do gelo, aguardando obedientemente o fim, enquanto chegam as derradeiras ordens, em que se determina que, tendo sido consumida a última munição, se defendam com facas dos blindados, dos lança-foguetes e das bocas de fogo do inimigo, ou mesmo, se necessário for, com os dentes. E, se por um lado se arrependeu de ter lançado a pedra sem saber onde esta iria aterrar — arrependeu-se até profundamente —, por outro lado, porém, e correndo o risco de o seu ato parecer incompreensível, ou mesmo inconsciente, era forçado a admitir com toda a sinceridade que nesse preciso momento em que viu a pedra no ar, a voar solitária e sólida, por cima de um mar de cabeças, hermeticamente isolada de tudo o resto, apreciou a noção de que ele mesmo seria uma pedra assim, imperturbável, desapaixonada e maciça, a caminho, ao encontro de uma cabeça furiosa. [...]

[O irmão mais novo recorda uma conversa com o mais velho, em que este falava da culpa «coletiva» que a Alemanha carrega, argumentando que essa culpa, ao contrário de sentimentos como o orgulho ou a alegria, apenas pode ser experimentada individualmente.]

[...]

Não sei se foi essa obrigação pretensamente alemã de se entregar à solidão ou tão-só um enfado generalizado em relação à companhia humana, mas sei que, após o período de tempo que passou na Suíça, o meu irmão iniciou uma fase bastante intensa de viagens, durante a qual atravessou o continente de carro, e mais tarde relatou-me que experimentava sempre uma sensação agradável na barriga quando, fosse lá onde fosse, se deparava com a bandeira azul com as estrelas, em tabuletas junto a estradas com uma camada de asfalto novinha em folha, que atravessavam paisagens ermas, por exemplo no sul da Sérvia, onde as paredes das mesquitas crivadas de tiros só dificilmente passavam despercebidas atrás de arbustos ressequidos; nessa altura, ele costumava interrogar-se se alguma vez se voltaria a erigir os minaretes derrubados caso aquele país viesse a ter verdadeiramente uma hipótese de integrar a aliança política que por enquanto se limitava a financiar as suas estradas principais, passarelas lisas e bem a direito para as mais recentes coleções de Munique e Sindelfingen³, e dizia ele ainda que, nessa altura, tinha de realizar um esforço considerável para não se esquecer de que uma ideia bela e verdadeira não se torna menos bela nem menos verdadeira só porque a economia alemã lucra com ela. Foi nessas viagens, que com frequência fazia de noite, com chuva e com vento, que ficou para ele claro o caráter supranacional e vinculativo de regras tão frias e claras como a obrigação de circular na faixa mais à direita, a velocidade máxima recomendada ou a distância mínima, tendo por isso ficado deveras incomodado ao constatar a fragilidade destas mesmas regras universais quando de noite, numa autoestrada, precisamente na Alemanha, algures entre Kassel e Fulda, na sequência de um corte nos dois sentidos, lhe surgiu, como que vinda do nada, a parte final de uma fila de trânsito, logo a seguir a uma curva longa e demorada; por sorte não seguia demasiado depressa nem estava demasiado cansado e também as luzes traseiras dos que seguiam à sua frente se haviam acendido, em grande número e bem vermelhas, de tal modo que conseguira parar a tempo, e, tal como ele, também as centenas, milhares mesmo, de pares de luzes que, atrás dele, de repente

³ Munique é a sede da BMW, Sindelfingen da Mercedes-Benz (N. do T.)

iam surgindo de entre o aparente vazio da estrada, de entre o escuro da noite, e corriam na sua direção, também elas se detiveram. Não resultara dali apenas trânsito a fluir com dificuldade ou a passo de caracol, nada disso, estava tudo completamente parado e foi incapaz de explicar com precisão o que fora que, nesse momento, o levara a desligar o motor de imediato, se se teria dado conta de que os que seguiam mais à frente também já o tinham feito, se porventura haveria uma espécie de percepção subconsciente aplicável à condução de veículos, que reagisse às vibrações nas proximidades — ou antes à ausência destas —, ou se fora simplesmente a marcada aspereza da manobra de travagem, a desaceleração por completo, a completude daquela inesperada paragem, na faixa esquerda de uma autoestrada, de noite, às duas e meia da madrugada, no regresso a Munique, vindo do porto marítimo de Wilhelmshaven. Tentara depois realizar um cálculo de cabeça de qual seria a distância necessária em relação ao veículo que seguia à sua frente e àquele que viesse atrás para, ao longo de duas horas e vindo sempre a circular a uma velocidade de 160 km/h, ter sido possível ficar com a impressão de que não havia mais ninguém na estrada, só que a seguir desistira, pois nunca fora bom a matemática, além de que o facto de a autoestrada se apresentar de repente tão cheia, depois de durante tanto tempo, até onde a vista alcançava, ter estado tão vazia, enfim, esse facto podia ser surpreendente, mas do ponto de vista da lógica não era impossível. E depois toda a gente saía dos carros. É sempre um pouco sinistro quando as pessoas começam a orientar as suas ações pelas dos outros, sem sequer trocarem verbalmente impressões sobre a utilidade desse seu comportamento ou se assegurarem de que é apropriado, e a partir do momento em que no âmbito de um grupo a comunicação se processa em exclusivo através de olhares e gestos, ocorre por vezes uma espécie de resolução pré-civilizacional que, segundo ele, tem que ver com a dificuldade na formação coletiva de uma vontade quando não há recurso à linguagem. Ele imaginava a consciência individual numa tal situação como uma força independente e à solta, que aguarda o momento de assumir a direção que lhe está determinada, que aguarda o seu objetivo, como o mar, que reflui lentamente e forma uma onda que se levanta, e quando naquele grupo que antes se entreolhara, que se limitava a olhar em redor, uma pessoa realizasse um movimento, só então os olhares que o tinham antecedido ganhavam um significado, que talvez até contradissesse por completo a intenção que muitos outros membros do grupo inicialmente tivessem tido; porém, era demasiado tarde, já alguém dera o pontapé de saída, só que para haver discussões no seio de uma horda de macacos ainda faltavam uns quantos milhões de anos, por isso se um desatou a correr, os outros seguiram o exemplo. Em todo o caso, disse o meu irmão, nunca mais voltara a ouvir

algo tão inquietante quanto a rápida sequência das portas dos automóveis que, mais adiante e mais atrás de onde se encontrava, se abriam e voltavam a fechar; as portas dos carros próximos do dele representavam naturalmente apenas uma pequena parte daquele fenómeno acústico, mas se se abstraísse da curiosa contradição entre a semelhança de cada um dos sons entre si — todos eles ao alcance do ouvido — e a completa arbitrariedade em relação ao sítio onde cada um deles tinha origem, fora sobretudo a respetiva frequência que produzira um efeito acentuadamente natural: após uma abertura composta por batidas individuais, irregulares, aquele todo sonoro adensara-se até formar um breve rumor, abafado pelos revestimentos de borracha e pelo vidro das janelas, a que se haviam seguido algumas, poucas, pancadas isoladas, e depois o silêncio. Tão repentinamente como antes se enchera de carros, a faixa de rodagem apresentara-se a seguir repleta de pessoas, das quais irradiava uma estranha agitação, uma mistura de incerteza e alegria face àquela situação invulgar, a meio da noite, numa autoestrada com três faixas, e ainda mais surpreendente do que a escuridão — de que, à semelhança do calor que se fazia sentir naquela noite de verão, ele apenas se apercebeu depois de sair do carro — afigurou-se-lhe o completo silêncio, em profunda contradição com o local em questão e o número de pessoas e de máquinas aí presentes. Ficaram depois por ali, de pé, cada um junto ao seu carro, mas só durante alguns instantes; a seguir, aquele ameaçador coletivo dos que haviam abandonado as respetivas viaturas voltara a dissolver-se nos indivíduos que o compunham, uns quantos alongaram as costas, deram alguns passos, outros acenderam cigarros ou galgaram os *rails* de proteção, para ir urinar mais adiante, e aqui e ali houve mesmo quem, naquela situação de espera, iniciasse uma conversa com um dos seus vizinhos; o meu irmão afirmou ter ficado surpreendido com a quantidade de gente que, conduzindo de noite, transportava consigo cerveja, e questionou-se então sobre qual o destino que lhe dariam quando não se encontrassem, como ali estavam, parados num corte de trânsito inesperado. Uma ou duas vezes assistiu ainda a uma breve sensação de incerteza por parte daquele coletivo de gente que esperava, pelo menos da porção que, em seu redor, lhe era perceptível; a primeira vez passados cerca de dez minutos, depois novamente passados uns vinte, como se, à semelhança dos comboios regionais ou dos períodos letivos, os cortes de trânsito seguissem um qualquer ritmo, no entanto, de repente tudo se passou com maior celeridade, o regresso ao interior dos carros processou-se então de modo mais linear, da frente para trás, com rapidez, mas sem pressas. Após avançar três quilómetros a passo de caracol, o radiador do carro do meu irmão começou a deitar vapor, tendo então havido um homem que, aquando da breve paragem seguinte, discretamente e numa atitude inexpressiva, saiu de um

miniautocarro e lhe verteu uma garrafa de água mineral no radiador; a reação do meu irmão foi dizer que nem sabia como poderia agradecer-lhe. A partir daí não voltara a haver paragens. Saíram da autoestrada, seguiram ao longo de alguns quilómetros por estradas nacionais, passaram por aldeias que mesmo de dia mais não seriam que meros locais de passagem, estando então, a meio da noite, a ser atravessadas e ignoradas por centenas de automóveis que as iluminavam com os seus faróis, aldeias cuja escuridão tinha qualquer coisa de francamente capaz de partir o coração, foram estas as palavras do meu irmão, e quando regressaram à autoestrada logo trataram de, um após o outro, pisar o acelerador e desaparecer, no meio do rugido dos motores, devorando quilómetro após quilómetro, pela solidão adentro, rumo aos respetivos destinos e locais de origem, e creio que terá sido outrora, sob uma faia nas margens do Isar, que pela primeira vez ele terá partilhado comigo aquela sua ideia, com a qual explicava a razão para nas autoestradas alemãs se poder conduzir tão depressa: será porventura essa a maneira de rapidamente se conseguir esquecer de onde se vem. Bem diferente soou aquilo que o meu irmão disse quando ouvi a sua voz pela última vez, ao telefone, muito depois daquela conversa sob a faia e alguns meses após a última vez que nos vimos. Eu estava na ilha de Heligolândia, num supermercado, eram sete e meia da manhã, e de início ainda fiquei na dúvida se haveria de atender o telefonema; hoje em dia sinto alguma vergonha por ter então hesitado, mas não tinha como adivinhar que o próximo telefonema a respeito do meu irmão, que receberia cerca de nove meses mais tarde, seria para me informar da sua morte. [...]



Letra – Portal de Literatura Contemporânea Alemã

Goethe-Institut Portugal

Campo dos Mártires da Pátria, 37

1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura

biblioteca.lisboa@goethe.de